



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

20 de Janeiro de 2007 • Ano LXIII • N.º 1640
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 50078898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Mudanças

ESPERAMOS que os nossos queridos amigos e leitores d'O GAIATO nos perdoem se neste artigo transparecer «algo» demasiado pessoalizado... Pai Américo recomendou aos Pais da Rua que «saibam esconder-se em seus escritos, suas falas e tudo quanto seja expressão, para que a Obra de Deus resplandeça e converta...» Noutro passo: «escrevam como quem reza...» Desejamos honrar a sua recomendação.

Temos diante dos olhos a Acta da reunião de Padres da Obra da Rua, realizada no dia 2 de Agosto de 2006, em Paço de Sousa, que nos elegeu como seu «Director», para o quinquénio. Cumpre-se assim o que prescrevem os Estatutos da Obra da Rua: «A Obra da Rua será superiormente orientada por um sacerdote, que será o Director da Casa-Mãe de Paço de Sousa, pro-

posto ao Prelado da Diocese do Porto, pelos directores das Casas da Obra e por ele sancionado. O mandato da direcção é de 5 anos». Esta foi logo apresentada ao Senhor Bispo do Porto que, então, nos dirigiu palavras de grande conforto e afecto; guardamo-las com veneração. «Nós somos dos Bispos», escreveu Pai Américo, encarecendo fortemente a nossa ligação à Igreja-Mãe da Obra da Rua. Este pensamento de Pai Américo é absolutamente normativo para nós.

Dando cumprimento aos Estatutos e à Acta desta eleição, algumas mudanças se vão verificar. Retirar-nos-emos desta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que foi a nossa família ao longo de quase 15 anos. Não o fazemos sem alguma comoção. Mas queremos sobretudo dar graças a Deus pelo que nos foi dado viver de alegrias e sofrimentos, de encontros gratificantes com tantos Rapazes que por aqui passaram ou ainda continuam o seu caminho; com as Senhoras da Obra e outros Voluntários com quem

Continua na página 4

Malanje

Padre Rocha

A notícia da morte do nosso Padre Rocha invadiu o planalto. Em toda a cidade de Malanje e administração de Calandula. Todos — velhos e crianças — o conheciam. Estando a Unita ou o Governo e em todos os conflitos, Padre Rocha sempre presente e ao lado do povo.

Que exemplo maravilhoso nos deixou pelo seu trabalho contínuo, dedicação ao povo e sua heroicidade — muitas vezes a viver no meio de tiros e canela de alimentos.

Valeu a pena! Foste um mártir! Um grande amigo de Jesus!

Ano novo

ELE aí vem! Para alguns revestido de esperança, para muitos de incertezas.

Não podemos viver sem esperança.

Fui hoje com o Quinzinho ao Senhor Bispo — dizer-lhe que o Quim é nosso desde pequenino e filho do nosso gaiato António que serve a Casa de Malanje. E mais, que quer entrar na Teologia para ser padre da Obra do Padre Américo. E mais, que nos deixe pagar as despesas no Seminário de Luanda. O Senhor Bispo de bom grado o oferece à nossa Obra e deseja ardentemente que o Quim seja sacerdote. Nós também.

Sobretudo, temos confiança no Senhor... Não são os homens.

É Ele na sua Obra.

«Para o deserto se tornar um jardim, não é suficiente arrancar cardos e espinhos: é preciso também plantar flores e árvores frutíferas».

Já plantei tantas ao longo dos anos, não vingaram. Vou regar bem esta... O Senhor providenciará.

Padre Telmo

quer hipótese do corte hipotético destes laços. Todos sentimos paz, tranquilidade, segurança, futuro.

Tudo se torna mais claro.

Com o dogma imposto de que «a pior família é melhor que a melhor das instituições», as autoridades fizeram tudo para levarem o Rui desta Casa e o entregarem ao pai biológico que nunca lhe dera o mínimo de paternidade.

Visitas para cá e para lá. Audiências, consultas, exames, técnicos e técnicas, resultados. Um trabalho enorme e um despeço. Mas isso já não é conosco. O que nos doeu foi a instabilidade criada na criança sem qualquer necessidade. O Rui ainda não entrou na pré adolescência. Foi ele que diante dos técnicos e das auto-

Continua na página 3

Momentos

Família

É impossível mudar as nossas convicções quando elas nascem da experiência quotidiana, da fé e da intuição iluminada pelo amor aos Pobres.

Noutros tempos, Pai Américo deixou esta queixa amarga, utilizando as mesmas expressões «é muito difícil implantar no Mundo uma coisa nova. A rotina tem muita força».

A Casa do Gaiato nasce do Evangelho vivido e provado e mantém-se com a mesma força e actualidade à luz da ciência actual e dos saberes humanos, mas sobretudo com a entrega completa das pessoas estruturantes.

Os instalados na cátedra e no poder, com portas abertas nos imperiosos meios de comunicação social, podem vir impor ideias e fazer opinião contrária como tem sido corrente nos últimos tempos. Gente que nunca educou ninguém, nunca criou uma criança desamparada, nem sofreu por não ter colhido frutos correspondentes ao seu esforço de educador.

O que nos inspira e arrebatada é sempre a Vida.

O nosso Rui andou em grandes andanças, nos fins do Verão e princípios do Outono, movidas por Entidades que só se importaram com ele quando souberam que se encontrava na Casa do Gaiato.

Em tempos longínquos criei relações com pessoas que comigo cuidaram dos ciganos, tentando vencer agruras e dificuldades insuperáveis deste povo nómada. Por

aí encontrei uma senhora de Olivais Sul — Lisboa, que me vem, mais tarde, falar de um menino que frequentava o jardim-escola daquela paróquia e do qual ninguém se atrevia a fazer nada. Irrequieto, desatento, estouvado.

Vivendo a criança na casa da avó viúva, esta senhora sentia-se incapaz de resolver as dificuldades do Rui.

Como ele tinha aqui, em Paço de Sousa, um meio-irmão, acharam que a Casa do Gaiato poderia ser o melhor caminho. E foi. De tal maneira que aquela criança eléctrica, incapaz de parar um momento e de segurar a atenção um segundo sequer, transformou-se, em 5 anos, num rapaz calmo, tranquilo e doce.

A avó veio visitá-lo duas ou três vezes. O menino afeiçoou-se a nós, e nós a ela. Criámos laços afectivos. Vitais.

Por ele damos a nossa vida e assim lhe comunicámos a paternidade.

Estes valores não se medem, não se pesam nem palpam. São invisíveis. Mas reais e produzem os seus bons efeitos.

A Natureza estabelece uma relação que ultrapassa o afectivo e a transmissão em vital. Um compromisso recíproco que nasce e se desenvolve inconscientemente no íntimo de cada qual e nos liga pelo coração.

Estas experiências só se verificam em circunstâncias idênticas e as Casas do Gaiato são uma contínua incubadora destas provas.

Os padres dão-se. As senhoras dão-se. E os rapazes também, à sua maneira e capacidade. É uma mistura de dádivas mútuas da qual todos ficamos dependentes, de tal maneira que tememos, instintivamente, perdê-las e reagimos a qual-

Benguela

A nossa escola

QUEM põe a sua vida ao serviço dos outros não tem descanso. Estou a lembrar-me da passagem interessante do Evangelho, em que Jesus e os Seus santinos não tinham tempo para repousar. A multidão não os deixava.

Tanto mais ricos seremos, como pessoas, quanto mais nos esvaziarmos do nosso amor próprio, vulgarmente chamado egoísmo, comodismo, para nos enchemos da pobreza e das necessidades que nos batem à porta. Nantas são! É verdade que a pobreza da nossa Casa, feita de 140 rapazes, enche-nos a vida, desde manhã até altas horas da noite. É verdade, também, que a multidão dos filhos de

fora ajudam a crescer ainda mais os cabelos brancos.

Está prestes a abertura do ano lectivo de 2007. A cura dos males na raiz é um dos grandes problemas mais eficazes. Por isso, fazemos uma verdadeira sementeira do interesse pela frequência da escola, dentro e fora. Sentimo-nos felizes, quando os pais, acompanhados de seus filhos, pedem ajuda para as matrículas e outras necessidades. Sem dúvida, é um peso grande que levamos com muito amor. A nossa escola é frequentada, a nível de dois terços, por crianças do exterior. Doutro modo, ficaríamos na rua, a crescer como pesos mortos da socie-

dade. Estamos, deste modo, a curar muitos males a partir da raiz. A cura começa muito cedo, para ser ainda mais eficaz. Cerca de 50 plantas humanas e flores riquíssimas enchem o Infantário e a creche. É tempo de preparação para um futuro seguro muito próximo.

Tive que interromper, por momentos, a redacção destas Notas. Lembrei-me de que não tinha comida para dar à gente que está ligada à nossa vida. A resposta desejada veio pelo telefone. A paz voltou. Quem toma a decisão de ajudar o povo que anda, muitas vezes, como ovealhas sem pastor, há-de encontrar pasto verdejante para recuperar as forças. Animados pela Esperança, queremos manter a cabeça levantada e o coração erguido.

Hoje, depois do almoço, chegarão 4 filhos que, desde pequeninos, ficaram sem família. Foram acompanhados, até este momento, por corações cheios de amor maternal. Não é possível fazer mais, no lugar onde estão. Por isso,

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SITUAÇÃO DE POBREZA — «Um quinto dos portugueses vive nesta situação: «O Plano Nacional para a Inclusão (PNAI) foi apresentado e as suas linhas de desenvolvimento aprovadas, mas foi feito com base no que é uma média que não existe na realidade, mas sim a sua tradução em cada local com as suas próprias singularidades», afirma uma coordenadora do PNAI, que debateu com participantes, o que entende hoje por inclusão, lembrando que «durante muito tempo a definição passava pela ausência de exclusão, o que é muito restrito», acrescentando-se que a ideia não é criar uma definição, mas perceber o alcance do problema.

DOENTES — Temos deles com muitas dificuldades! Não possam ter o suficiente para conseguirem os seus males.

É uma mulher, ainda jovem, que seguiu para o hospital.

Outro idoso, ou idosos, que precisavam de ser tratados.

É a maior dificuldade desta gente que aguarda a nossa atenção.

Deus os ajude.

PARTILHA — Lourdes, de Cacém, presente com 35 euros: «Junto mais uma migalhinha. Confirmando admirar cada vez mais a vossa acção, a vossa Força. Bem-hajam».

Coimbra: «É desejo de partilha, esperança e paz, para todos vós, um santo Natal e Ano Novo muito prós-

pero e feliz. Quarenta euros, da assinante 55691, para aqueles que mais precisam e que tantos exemplos nos dão os mais idosos».

Vila Nova de Gaia, assinante 10770, cheque de cinquenta euros, «que gostaria fossem repartidos pela vossa Conferência e por África. É uma oferta pequenina, bem sei. Mas é graças ao meu marido, que a posso fazer, pedindo as vossas orações. Lembrem ao Senhor a sua alma».

S. Domingos de Rana, assinante 33289: «nesta altura envio o que me é possível dispor».

Escapães (Vila da Feira), assinante 39429, com cheque de 150 euros. «Por conveniente por vós naquilo que melhor acharem».

Assinante 63090, de Amadora, com 100 euros, «com a admiração que tenho por todos vós. Peço a Deus Menino que vos encha com as melhores bênçãos de Felicidade, Alegria e Paz que só Ele pode dar».

Um Amigo, de S. Mamede de Infesta, assinante 21409, manda um abraço com dez euros.

A presença habitual do assinante 9790, de Perosinho, com cem euros. «Pequena ajuda em cheque. E peçamos ao Senhor por todos nós, pecadores. Neste ano que agora começa, os nossos corações se encham de Paz».

Vinte e cinco euros, da assinante 20868, de Torreira. Oferta dum casal amigo.

Assinante 13680, do Porto, presente com 50 euros. «É pouco, mas Deus sabe porquê... Sou sozinha a remar contra a maré, tenho dois filhos estudantes universitários».

A nossa gratidão para todos os Amigos que servem os Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. Júlio Mendes

fazer mal a uma mosca, mas se não praticar boas acções, se não cumprir a sua obrigação com alma e coração, não presta. Neste caso, pode ser muito bom jogador, mas se as atitudes dele ou de qualquer um, dentro do campo, não forem as mais correctas, passa a ser uma menos valia dentro das quatro linhas. Quem não trabalhar com espírito de sacrifício e para o colectivo, tem que reflectir naquilo que anda a fazer. Amigos, amigos, negócios à parte!

Alberto («Resende»)

Natal

Mais uma vez
O Menino
no seu presépio
sorrindo
ao mundo de multidões
apressadas...
Sem tempo para sorrir
Sem lugar para amar —
somente correr
Sem chegar.
«Tenho pena desta multidão...»
E Ele tem
dos nossos passos vincados
na praia vazia
e sem sentido.
Nem flores, nem maresia!
Sem montanhas, sem mar!
Filhos de Deus na grande rua
como rio que desagua
na ceia —
com mesas a fartar.
Meu Menino nas palhinhas
sorrindo agradecido
aos que ainda vão beijar!

Um Malanjinjo

NATAL — Como é nossa tradição, foi passado por todos cá em Casa, em espírito de família. No dia 24 de Dezembro tivemos o nosso tradicional jantar de Consoada e a Missa do Galo.

No dia 25 e como também já é hábito, o almoço foi alargado a alguns antigos gaiatos, que moram aqui perto e que costumam estar presentes ao longo do ano.

Depois do Natal, grande parte dos rapazes foi passar uns dias a casa de familiares para comemorarem a passagem de ano. Ao longo do dia 1 e 2 de Janeiro de 2007, todos eles começaram a regressar, para no dia 3 voltarem às aulas.

No dia 6 de Janeiro de 2007, a empresa Águas do Mondego teve a amabilidade de nos proporcionar um almoço, em nossa Casa, mas servido por um restaurante que aqui se deslocou para o efeito.

Além de todos nós, também estiveram presentes vários convidados, que são pessoas que de alguma forma estão ligadas à nossa Casa e portanto são nossas amigas.

Foi um dia de festa, de convívio, de partilha e, sobretudo, de muita amizade e amor. Uma vez mais o nosso bem-haja.

ANIVERSÁRIO DA NOSSA CASA — No dia 7 de Janeiro de 2007, foi dia de festa. A nossa Casa de Miranda do Corvo fez 67 anos. Este ano a Câmara Municipal quis promover uma sessão evocativa do Aniversário da Casa do Gaiato. Esta sessão foi realizada no Cinema de Miranda do Corvo e esteve aberta a toda a comunidade. Da cerimónia constou uma apresentação em PowerPoint sobre a nossa Casa, intitulada «Bem-vindos ao mundo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo» que foi realizada pelo «nosso» professor Paulo Sousa. Seguiu-se uma outra apresentação da fotobiografia da vida e Obra de Pai Américo.

Estiveram presentes, para além do Presidente da Câmara e sua equipa, muitos ilustres convidados, entre os quais antigos gaiatos e outros amigos da Obra e da nossa Casa.

No final, a senhora Presidente da Câmara ofereceu um bilhete a todos os rapazes para assistirem a um filme no Cinema.

Foi um dia de festa, e de muita alegria para todos nós.

Gaiatos do Alternativo

Setúbal

ANO NOVO — Entrámos de uma forma espectacular. No mês de Dezembro alguns rapazes já se tinham comprometido em passar o ano novo fora, por isso, não puderam estar presentes.

Na contagem decrescente dos segundos, os rapazes estavam ansiosos e, ao soar a badalada da meia noite, festejou-se com uma rodada de champagne a todos os rapazes. Foi uma noite longa e todos se divertiram.

ESCOLA — Começou o segundo período. A avaliar pelo primeiro, as notas não foram muito boas, o que quer dizer que os rapazes terão de se empenhar mais para conseguirem resultados positivos para se formarem e serem uns homens. Desejo da minha parte força que possa motivar qualquer rapaz a esse efeito.

SNOOKER — Realizou-se um mini-torneio. Depois da excelente participação dos rapazes no grande torneio de 2006, este foi um aperitivo para o grande de 2007. Sagrou-se campeão o António Martins, vencendo na final o Hernâni.

CAMPO DE JOGOS — O senhor Renato e o senhor Paulo, entre muitos outros, estão a finalizar o campo de jogos para a junção de mais um passatempo dos rapazes. Já se fala entre os rapazes, no grande torneio que se irá realizar em meados de Fevereiro.

VACARIA — Como é habitual na nossa vacaria, todos os vitelos após algum tempo de nascerem, têm de passar para as barracas. Mas, na última mudança, houve um bezerro que não se adaptou da melhor forma e morreu. Ficámos muito tristes porque era muito conhecido entre nós. Demos-lhe o nome de «pontinhas» porque era todo branco e só tinha umas manchas nas orelhas.

POMARES — Nas férias de Natal os rapazes foram para os pomares rapar as ervas. Como choveu muito, elas cobriam-nos porque cresceram muito. Assim, os rapazes tiveram não mãos a medir e trataram do assunto.

Danilo Rodrigues

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

S. MARTINHO — No passado dia 13 de Novembro de 2006, tivemos o nosso magusto com os gaiatos (residentes), na Casa de Algezu. Houve água-pé, castanhas, entremeadas, batata-doce, e outros produtos mais. O dia estava óptimo, apesar de se notar ameaça de chuva. Num ambiente agradável e convidativo, a música tocou e a malta dançou. Já eram horas tardias, quando a malta começou a dispersar. Muito sobrou, mais malta não fazia mal, que noutra altura haja mais gente.

UM DIA ESPECIAL — No dia 23 de Dezembro de 2006, a nossa Casa esteve em festa. Comemorou-se precisamente o «Dia do Amigo da Obra da Rua». Quem é este amigo? São todos aqueles que vivem as nossas emoções, sentem e dão um apoio incondicional, porque acreditam nesta família, e dão a cara por ela, não dizendo o seu nome em vão. Somos tradicionalmente uma Porta Aberta, e dedicámos o dia ao Amigo da Obra da Rua. Houve um espectáculo pelas 16h00, no salão de festas, foi uma obra de arte bem idealizada, com um sentido justo de se ver, aonde se ouviram as palavras de Pai Américo na pregação da palavra, da qual já mencionava na época as dificuldades, a aceitação e a compreensão da sua Obra, a «Obra da Rua». Seguiu-se a Missa, com a presença de D. Gilberto Reis, que enalteceu os feitos de um homem que se tornou grande, Pai Américo. Depois do jantar. Assim terminou este dia bastante agradável, com uma atmosfera humana a condizer.

NATAL — A nossa Associação festejou o Natal com os nossos asso-

Paço de Sousa

DESPORTO — A nossa equipa de futebol, nesta altura do campeonato, parece a antiga Orquestra da Emissora Nacional, quando ela era dirigida pelo nosso querido Maestro Miguel de Oliveira. E por falar neste nosso grande amigo. Ele vinha de Monção, gratuitamente, fazer as músicas e ensaiar a parte da orquestra, que naquele tempo era composta por vários músicos como por exemplo os senhores: Emídio, Laurentino, Domingos, José Gomes, etc. O Américo, nosso ensaiaador e também ponta-de-lança daquele tempo, punha-nos a cantar e a dançar. Miguel de Oliveira, a um canto do nosso Salão, fazia «sarrabiscos», dizíamos nós, para pouco depois, entregar a cada músico, a música de cada dança, quase correcta. Já não há mais Miguel de Oliveira! No que diz respeito às nossas festas, nem é bom recordar. Parece que estou a ver aquele Coliseu do Porto cheio como um ovo, duas vezes no ano, para não falar noutras terras como: Braga, Espinho, Amarante, Guimarães, Lamego, Coimbra, Aveiro, que mesa e que gente! Bom, ficamos por aqui, se não nunca mais acabamos, e vamos, mas é falar de futebol.

E para falar de futebol, temos que dizer que não podíamos ter acabado melhor o ano de 2006! No dia 23 de Dezembro, deslocámo-nos à cidade de Paredes, para naquele espectacular relvado, defrontarmos os rapazes do

U. S. C. Paredes. Como sempre acontece, fomos muito bem recebidos. Os nossos rapazes estavam muito entusiasmados com este jogo, já que, alguns estudam juntamente com eles. Começou o jogo, e com apenas quatro minutos, Abílio abre o activo. Abílio é, e foi, um dos que mais trabalhou na, e para a equipa. Pouco depois, eles fazem o empate, e as coisas pareciam começar a complicar-se. Nesta altura, Rogério falha uma grande penalidade, com que podia fazer o 1-2. No entanto, o «pequenino» Abílio, volta a marcar. Quando eu estava a pensar substituir o Rogério, ele faz o 1-3. Acabou por sair na mesma, entrando para o seu lugar Agostinho, que muito perto do final da partida, e tendo a baliza toda à sua mercê, atirou para as nuvens, quando era só empurrar a bola para dentro da baliza. Há jogos assim!

Dois notas: a primeira, para dizer que o «Russo» esteve longe do seu habitual...; a segunda, para fazer justiça, dizendo que Abílio, «Bolinhas» e Ricardo Filipe, foram os grandes protagonistas desta vitória, que podia não ter surgido, se não estivesse na nossa baliza, o «gigante» Teixugueira. Também não quero deixar de referir, que se «Bolinhas» esteve bem como jogador, esteve mal como capitão da equipa, em relação à arbitragem que, diga-se em abono da verdade, esteve excelente. O homem da braçadeira, tem que dar o exemplo; tem que saber e fazer respeitar as decisões da equipa de arbitragem, por muito que nos custe. Eu costumava dizer: - não chega ser só boa pessoa, é preciso fazer algo mais. Uma pessoa pode ser muito direitinha, muito santinha, pode não

Miranda do Corvo

VISITAS — No dia 14 de Dezembro de 2006 veio um grupo de alunos de uma Escola de Seia fazer-nos uma visita.

Chegaram por volta das 10h30 e ficaram connosco até ao final da tarde. Fizemos uma visita guiada à nossa Casa, convivemos com eles, jogámos futebol, brincámos no parque infantil... enfim, foi um dia muito divertido para todos. No final e antes de partirem, ofereceram um grande cabaz de Natal, que vinha muito bem «recheado».

Agradecemos o Cabaz e o carinho que nos deram.

ESCOLA — Ao longo da última semana de escola, os alunos do 1.º ciclo, foram, em cada dia, fazer uma visita a uma escola diferente do Conselho de Docentes a que a nossa pertence. Em todas elas foram bem recebidos, havendo sempre uma merenda e um convívio muito agradável entre alunos e professores.

Queremos aqui deixar um carinho especial aos pais dos alunos das escolas que fizeram questão de, além da merenda que nos proporcionaram, oferecer algumas coisas para a nossa Casa. Assim, fica aqui o nosso agradecimento às Escolas de Pousaflores, Lamas, Casais de S. Clemente e Vila Nova.

A todos eles o nosso grande bem-haja pelas ofertas que nos proporcionaram.

Momentos

Continuação da página 1

ridades disse a chorar, como relata o comunicado escrito aqui chegado, «que não queria ficar na casa do pai e a sua casa é a do Gaiato e que se o pai quiser vê-lo; terá de ir vê-lo lá», e refere — citamos ainda o comunicado — «que tem o quarto dele, tem escola, tem os irmãos na casa e as actividades da Instituição que gosta e participa. Tem muito espaço na quinta, tem o futebol, a música e as tarefas de que participa e aqui não tem nada para fazer. Recusa vir no Natal e questionado sobre as férias grandes podendo fazer praia, responde-nos que na casa também fazem praia».

Diz o nosso Povo que Deus fala pela boca das crianças. A Natureza é mais pura e vê melhor que qualquer ciência!

Se, daqui a dois anos, em plena adolescência, como tem acontecido noutros casos, voltarmos às mesmas andanças, com a ilusão da libertinagem própria desta fase da vida, o discurso deste menino será diferente.

Padre Acílio

De cartas

Renúncia ao consumismo

«É um pequeno óbolo, mas tem sentido de renúncia ao consumismo que grassa no mundo; esta pequena migalha irá, certamente, mitigar carências tão gritantes como aquelas que são relatadas nos países africanos de expressão portuguesa, de modo particular, Moçambique e Angola. Aos nossos Padres de missão e aos de missão neste Portugal, a minha grande admiração e carinho.

Sobre toda a 'engendrada turbulência' da insidiosa 'engenharia social despudorada' que pretende atacar, subrepticamente, o grande bastião da única Autoridade que ainda resiste em Portugal, ao facilismo, relativismo e 'deixa andar' cor-de-rosa (obviamente premeditado), apenas: — perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.

Que Jesus Ressuscitado continue a ajudar esse oásis de esperança viva e actuante num mundo dominado por um hedonismo inquietante e um secularismo angustiante.

Como cristãos chegou a nossa hora de, mais do que nunca, rezarmos de joelhos em terra e com caridade mais ardente, por aqueles que pensam em destruir o Amor preferencial pelos Pobres de ontem, hoje e sempre. A Casa do Gaiato está assente sobre a rocha granítica do Evangelho.

Assinante 49395».

Tarefa dura a vossa

«Paz e Bem para todos vós. Junto envio cheque. É uma miga-

ciados, a 17 de Dezembro, no Lar do Gaiato, pelas 15h30. Tal como nas outras vezes, a malta precisa ter as quotas actualizadas, o prazo da inscrição terminará a 10 de Dezembro. Muitos não receberam a correspondência, devido a moradas equivocadas e outros problemas mais, facto este diversas vezes já alertado. O dia correu com uma pequena merenda e a entrega das prendas aos filhos ou netos dos associados. Esperamos que o espírito natalício esteja sempre presente, para que as crianças do amanhã sejam grandes. A todos os Leitores, bom Ano de 2007.

César Amante

lha, mas junto de outras migalhas, fará o pão de que necessitais.

É tarefa dura a vossa, mas feita com Deus se tornará mais leve. Muitos vos perseguem e afligem, mas muitos outros estão convosco, vos admiram e vos compreendem. Se Deus quiser, esta tempestade há-de amainar.

Que Deus vos ajude a levar a cruz.

Assinante 12976».

Seguir em frente

«Aqui mando cheque para o que for mais necessário. Não é que seja muito, mas é de boa vontade.

Que Pai Américo interceda junto do Senhor Jesus por todos aqueles que estão à frente dessa grande Obra, e que vos dê muita força e muita coragem para seguirem em frente, contra tudo e contra todos. Deus vos ajude a levar essa cruz que é tão pesada.

Assinante 59581».

O meu apoio à vossa luta

«Tenho acompanhado o drama que ocasionam às Casas do Gaiato. Creia que me impressiona, e lamento que a Comunicação Social e os Tribunais não entendam o quanto de valioso é o trabalho que dispensais às crianças que entram nas vossas Casas. Calculo que é bem difícil educar crianças nestes últimos anos...

Considero que os professores são heróis, é claro que também os há que não estão preparados para esta nova vaga de crianças, que não respeitam as regras das famílias e das escolas.

No vosso caso, é muito mais difícil e, por essa razão, o meu sincero apoio à vossa luta e preocupação. Que Deus e o Padre Américo vos proporcione a Graça e a Fé para que a Obra continue.

Vai pequena ajuda.

Tenho uma grande admiração pelos sacerdotes que estão à frente das Casas do Gaiato. São verdadeiros 'heróis'! Rezo muito pela fidelidade dos sacerdotes. A Europa precisa de ser evangelizada.

Assinante 13086».

DOCTRINA

O egoísmo afasta
gosta-se mais da mediocridade



«NÃO se pode hoje andar no Porto, especialmente em certas ruas e em certas horas, sem dar conta do grande número de crianças que vagueiam pela cidade, muitas a pedir, outras simplesmente a vadiar. É possível que muitos as não vejam. É possível que muitos as não queiram ver. E é certo que delas não podem facilmente dar fé os que só atravessam a cidade dentro dos seus carros de luxo.

ENTRETANTO julgo que a Assistência à criança é um dos grandes problemas nacionais, não apenas sob o aspecto da educação e cultura, mas também sob o ponto de vista da saúde da raça. Convém não esquecer que Portugal continua infelizmente a ser um dos países de maior mortalidade infantil de toda a Europa...

AS Casas do Gaiato são realizações magníficas — mas só por si não podem resolver o problema. Julgo que a sua solução completa só seria possível a duas entidades: ao Estado ou à Igreja. Para tanto é necessária uma grande força organizada. Creio bem que esta poderia ser uma grande tarefa da Igreja — e do seu alcance social não é preciso falar.

ENTRETANTO — se não vale a pena pôr o problema com tal amplitude — não seria possível alargar a sua Obra admirável das Casas do Gaiato com a instalação de externatos, onde às crianças fosse dada educação, alimento e uma, mesmo sumária, assistência médica?

HÁ evidentemente casos que exigem isolamento nas suas Colónias. Mas muitos outros existem em que não me parece necessário retirar a criança aos pais: estes deixam-nas vaguear pelas ruas, ou educam-nas mal, pela sua ignorância ou pela sua miséria. Ora não poderia resolver-se este problema com algumas escolas distribuídas pela cidade, onde as crianças passassem a maior parte do dia e fossem convenientemente alimentadas, escolas que seguiriam, na medida do possível, a orientação adoptada nas Casas do Gaiato?

ESSAS Casas de Assistência serviriam de postos de observação social dentro da sua área. Através delas se iriam procurar e localizar aqueles tristes casos que só o internato, longe da cidade, pode resolver. Através delas se procuraria evitar que a criança seja um objecto de exploração, cartaz ou tabuleta para atrair esmolas tantas vezes mal dadas. O problema não me parece insolúvel. Falta de meios? Não creio. Uma organização sua seria ajudada por todos.»

A primeira angústia deste senhor de boa vontade, («Não se pode andar no Porto...») responde-se imediatamente com outra verdade bem mais angustiada, a saber: Asilos e Orfanatos para crianças, com amplas salas e camas à espera... de verba! Se a cama estivesse feita e aberta à espera da criança abandonada, tínhamos ali uma verdadeira «Casa de Caridade»; assim, temos a Caridade pintada na tabuleta da casa e não temos mais coisa nenhuma! São organismos vegetarianos. Não querem alimentar-se das realidades divinas. Não as compreendem. Não procuram vivê-las. Vegetam. Verba?... Pois a verba é justamente a criança que tem o direito de ocupar a cama e sentar-se à mesa. Ela, a riqueza.

QUANTO mais miserável for, maior é o dote com que entra. Deus provê. Ele é o verdadeiro Provedor das Casas d'Ele. Que pode faltar nelas? Quem contra elas? Mas se as fazemos nossas, a nossa Obra!; se aparece o senhor provedor em carne e osso com o lápis na

mão! — então, sim; aí temos o panorama: «Não se pode andar no Porto». Nem no Porto nem em outras cidades. Por toda a parte «vagueiam crianças a pedir». E, contudo, como a carta muito bem clama, estamos em frente de um dos grandes problemas nacionais, por tudo e até pela «saúde da raça». Sim, meu senhor, diz muito bem. A sua carta escalda! Fala-se ali do Estado ou da Igreja como forças organizadas, capazes de ter mão na invasão da Rua. «Creio bem que esta poderia ser uma grande tarefa da Igreja». A Igreja tem vindo por aí fora aos solavancos do mundo, meu senhor; tem resistido, não somente aos estranhos, mas também aos de casa. Ora quem assim tem mão em si mesmo, é naturalmente a pessoa indicada para ter mão nos mais. Sobretudo na Rua, justamente a massa mais difícil de segurar, por se não ter compreendido que para o fazer é necessário ir até ela e fazê-la nossa. Só a Igreja. O Seu Fundador começou pela Rua. Muitas mulheres honestas e poderosas havia naquele tempo, a quem talvez o Mestre tivesse falado, sim. Mas não o sabemos. Sabemos que Se dirigiu e Se revelou («Eu sou o Messias») a uma mulher de má nota quando ela ia buscar água à fonte! Só a Igreja. É a Caridade que valoriza; que transforma as almas e diminui a invasão da Rua — e a Caridade nasce e brota da Igreja. Obras da Igreja. Não obras à sombra da Igreja, com camas feitas à espera do dinheirinho. Isso é uma desgraça. Obras aonde o Verbo se faça carne e sangue. Os Bispos de todo o mundo encorajam e auxiliam, como podem, qualquer sacerdote que deseje consagrar a sua vida à Rua — mas que é deles?

NÃO faltam colégios e Institutos religiosos dedicados à mocidade rica — e é preciso que não faltem. Mas quem acode à invasão das enxurreiras? Estes, igualmente filhos da Igreja! Não há muito tempo que o primeiro dos nossos Bispos me dizia com a mão sobre o peito, falando deles: «São meus filhos». São, sim, e são a maioria. Quem é que o diz? «Não se pode andar hoje no Porto...» Eles são a maioria. Neles a força. Neles a qualidade. Neles o amigo... ou o inimigo de amanhã!

MUITO agrada, sem dúvida, aos educadores das juventudes herdadas afirmar que estão desempenhando uma função social importante e necessária. Todos quantos se ocupam nela são levados por este pensamento fagueiro. É verdade. Estão sim senhor. Mas, existe uma coisa muito subtil que os engana: rende! Ora do lado da Rua não rende naquele sentido nem por aquela forma; daí haver tão poucos a trabalhar. Rende de outra maneira. Rende muito mais. Mas o heroísmo afasta. Gosta-se mais da mediocridade.

SALVO erro, João Bosco ainda hoje é um número um da Igreja. Os seus filhos espirituais estão espalhados por todo o mundo. Todos trabalham na rua. Os seus oratórios festivos «são aquelas escolas distribuídas pela cidade» em que a carta fala e a Oficina de S. José mostra hoje no Porto. Vamos a ver, meu senhor. A Obra da Rua, recente como é, já tem a aprovação oficial do Estado e da Igreja. Os dois Poderes disseram que sim, firmando seus nomes em nossos estatutos. É um grande passo. O mais virá a seu tempo. Não desanime, meu senhor; e continue a guardar no seu peito a aflição do que observa: «Não se pode andar no Porto...»

Padre Acílio

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Uma Boa Notícia

QUEM dera que em todos os homens do mundo fosse real o desejo profundo «de abrir brecha na fatalidade histórica da pobreza»!

Quando Jesus disse e a propósito dum gesto magnânimo de uma pecadora — que «Pobres sempre os tereis convosco», não fez uma afirmação de fatalidade; deixou um apelo específico à conversão dos homens, o qual está contido no *Mandamento Novo*: «Amái-vos uns aos outros como Eu vos ameí»: Quem se deixar possuir pelo *Mandamento* em todas as áreas e momentos da sua vida, é dos que abrem brecha naquela fatalidade histórica.

Uma vez, no regresso de uma visita ao Barredo, Pai Américo subiu Mouzinho da Silveira e parou no cimo da Rua das Flores em uma loja de ouro e prata recheada de coisas belas que a Natureza prodigaliza e a arte dos homens produz. Contou o que vira. O dono da casa reagiu:

— Senhor Padre Américo, eu até tenho vergonha de estar aqui.

— Não — lhe respondeu. — Isto está certo. Lá em baixo é que está o erro.

Falava com a autoridade de quem vivia fixado no *Mandamento Novo*, que não nega nem exclui a virtude da magnanimidade.

Não. Se a pobreza tem sido «fatalidade histórica», pode cessar, mas tal depende do Homem, de todos os homens, não só nem tanto dos que no mundo se intitulam de «grandes», mas de quantos aceitam o desafio agora renovado pelo Doutor Yunus a uma mudança profunda de mentalidade. É necessário que a Justiça Social se construa a partir do Homem, do crédito nas suas capacidades; e se dêem oportunidades para que todos os homens as ponham em acto. O princípio de que não se pode distribuir riqueza sem criar riqueza parece óbvio; mas é preciso um conceito exacto, global, do que é a riqueza e uma distinção clara e sincera entre *criar* e *distribuir* riqueza. A «fatalidade histó-

rica» em que assenta a da pobreza, é a ambição dos criadores de riqueza, que se fixam tão obstinadamente em metas de sempre mais riqueza que se esquecem do objectivo, de que cada um é devedor, de a distribuir, de a ir distribuindo ao longo do percurso em que procuram acrescê-la. Por isso, a História ensina que os Pobres são cada vez mais e mais pobres e os ricos cada vez menos e mais ricos. Experiências em todo o espectro dos sistemas económicos e das filosofias políticas têm conduzido a esta conclusão que é factual. A certeza que enchia Pai Américo de que, «para servir os Pobres é preciso ser pobre», é a mesma que levou o Doutor Yunus «a deixar as alturas em que voam as águias para rastejar como minhoca no chão em que jazem os Pobres». Foi com este método que ele aprendeu e gizou a *nova Economia*. Toda do avesso daquela que estudou e ensinou nas mais prestigiadas Universidades do mundo dito sábio e civilizado. E agora fala sobre trinta anos

dessa *nova Economia*. Não é um Principiante nem um idealista a falar. Ele fala sempre como perito em Ciências da Economia. Mas crê no Homem, confia nele. E pensa que se fossem muitos e influentes a lavar as suas mentes das ideias provadamente mal logradas que as têm ocupado, podia ser mais justo e mais pacífico e mais feliz, com os altos índices de riqueza não em *picos* aqui e ali, mas expressos por uma linha contínua, sem máximos nem mínimos escandalosos.

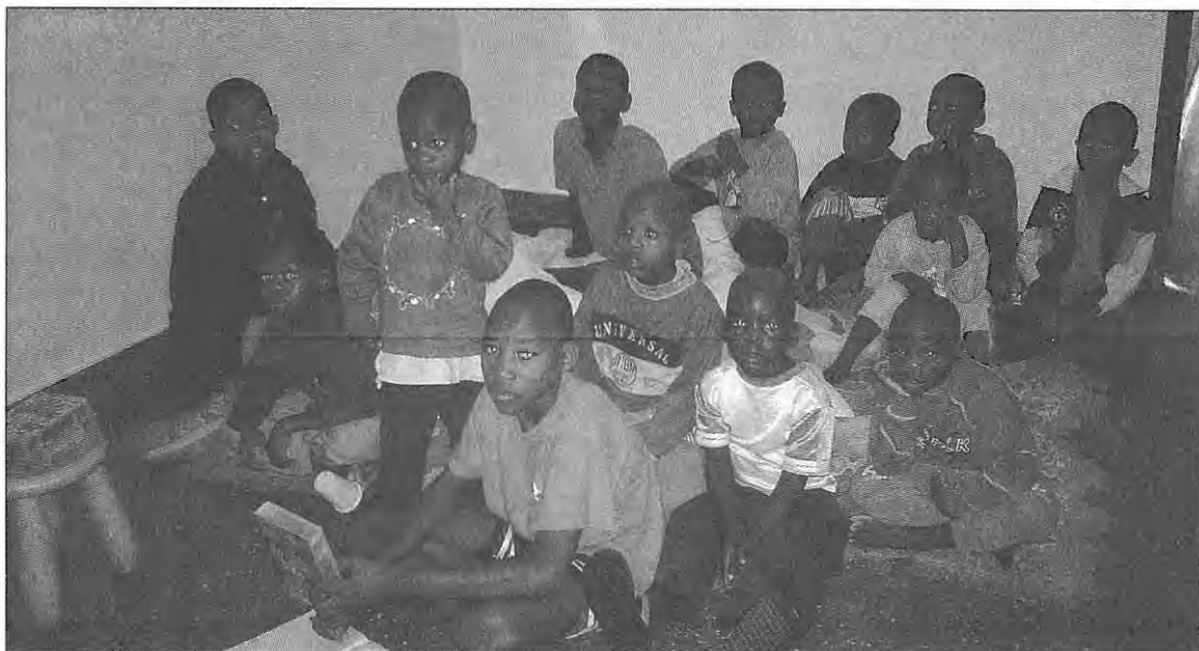
E é um homem de Esperança: «Nós alcançamos aquilo que queremos. Temos aceiteado que sempre houve Pobres em nossa volta e que a pobreza é uma parte do destino humano. Precisamente por isto é que continua a haver Pobres em volta de nós. Se julgássemos firmemente que, para nós, a pobreza é inaceitável e que ela não pode ser parte de uma sociedade civilizada, teríamos constituído instituições e políticas para criar um mundo livre da pobreza. O homem quis ir à lua e chegou lá. Nós somos capazes de realizar o que verdadeiramente queremos. E se algo não conseguimos, é porque

não pusemos nisso toda a nossa alma. É extremamente difícil mudar as mentalidades já formadas. Precisamos de inventar caminhos que mudem as nossas perspectivas e re-configurem as nossas mentalidades rapidamente a um novo conhecimento emergente. Só assim podemos re-configurar o nosso mundo. Eu creio que podemos, porque a pobreza não foi criada pelo Povo pobre. Tem sido criada e sustentada por sistemas económicos e sociais que temos escolhido, por políticas que temos prosseguido; (...) por estruturas teóricas que têm subestimado a capacidade humana; (...) pelo preconceito da falta de nível social mais do que a falta de qualquer capacidade da parte do povo.

Eu creio firmemente que podemos tornar o mundo livre da pobreza se todos, todos os homens, acreditarem nisso».

E com este lindíssimo hino ao Homem, a criatura predilecta de Deus, tanto que até nos quer por filhos!... ainda não vou deixar este riquíssimo discurso do Doutor Muhammad Yunus.

Padre Carlos



Moçambique — Os nossos «Batatinhas».

Benguela

Continuação da página 1

vêm para a nossa Casa. A cidade do Cubal, donde são naturais, não vai esquecê-los. As mãos que os acarinham, ao longo da sua curta história, far-nos-ão a sua entrega. É um momento muito rico da nossa vida. Nada nem ninguém nos pode roubar a alegria que levamos em nosso coração, à mistura com a dor de

vermos estes filhos sem a sua família natural. Não há, sequer, um pequeno resto.

A juntar a estas aflições, chega mais uma, muito quente. É preciso mandar a nossa carrinha buscar o cadáver duma pobre criatura, sem ninguém, ao Centro Hospitalar Anti-Tuberculose e levá-lo ao seu bairro. Lá estará alguém, com certeza, da vizinhança, que o vai acolher. Queremos que a história deste povo seja também a nossa história, desde o princípio até ao fim. Não quereis mergulhar connosco neste oceano de AMOR? Dizei sim e estendei-nos as vossas mãos.

Padre Manuel António

Mudanças

Continuação da página 1

aprendemos a caminhar e foram conforto em horas difíceis. De entre todas destacamos a pessoa do nosso Padre Horácio, de quem guardamos a lição da humildade e do esquecimento de si próprio e das coisas. Como não recordar o dia da nossa chegada ali. Era o fim do Terço. Padre Horácio, levantando-se, apresenta-nos assim: «a partir de hoje, Padre João é que será o pai desta família...» No dia a seguir, entregou-nos as chaves

todas da Casa, com tudo o que isso simboliza de desprendimento de uma vida inteira ali vivida e rumou para o Património dos Pobres, sem casa nem poiso certo. Estamos a vê-lo partir, apenas com um saquito às costas, com o indispensável, onde nunca faltava a máquina de barbear! Assim deixou o seu lugar livre e ao inteiro dispor de quem chegava. A sua memória é um desafio à fidelidade.

Tomará o nosso lugar o nosso Padre Manuel Mendes.

Padre João

Setúbal

Uma chamada à vida

NA simplicidade, inocência e verdade de uma criança, manifesta-Se Deus à humanidade. Aquilo que deveria ser próprio dela, e que a humanidade deveria conhecer e viver, porque tal não acontece, vem Deus mostrar-lhe e convidá-la ao encontro consigo mesma.

O homem constantemente foge àquilo que lhe é essencial. Repetidamente ao longo da História, entra por caminhos que o desviam do que lhe é próprio, do que lhe convém. Depois de chegar ao fim do caminho sem saída por que entrou, e depois de muitos e muitos terem sofrido as consequências dessas faltas de sensatez, acabam em nada as obras da sua arrogância.

O encontro com uma criança é uma chamada à vida. Quantos pais não se sentem revigorados e reanimados na sua própria vida, com o nascimento de um filho!? Como é valorizada a entrada de «sangue novo» num grupo ou organização quando o envelhecido nos seus membros!

O ser humano é chamado à vida. O Menino do Presépio vem chamar todos à vida. Ele vem oferecer-nos o que perdemos pela nossa insensatez. Oferece-Se, de braços estendidos, para Se dar e receber de nós o eco da Sua Paz.

Aceitar ou desejar terminar com uma vida que brotou do dinamismo presente na Criação, é agir fora dos limites da razão e do sentir profundo do ser humano.

Responsabilidade é um conceito e uma força para a vida pessoal e comunitária. Todos os actos do homem estão envolvidos por ela. A liberdade aparece antes da realização.

Só pode ser um caminho sem saída o da destruição de uma vida humana. Se o indivíduo, por si só, não assume ou não é ajudado a cumprir a responsabilidade que lhe compete, deve ser a comunidade a ajudá-lo a completar a realização. Se não por caridade, ao menos por solidariedade da sociedade.

Nada podemos oferecer ao Menino que Ele não no-lo tenha dado antes. Ofereçamos-Lhe a vida para que Ele nos retribua com vida em abundância.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Já cá se sabia há muitos séculos que a ambição dos homens gera, necessariamente, a miséria. Já se sabia, mas ele é bom que o povo dê estas lições ao mundo para bem dos que não acreditam na lição do Evangelho. Para que esses vejam e acreditem e se convertam à Pobreza.

PAI AMÉRICO